



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13814 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

EMPREENDEDORISMO NAS PERIFERIAS: SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS JUVENIS

Maria Carla Corrochano - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESP

EMPREENDEDORISMO NAS PERIFERIAS: SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS JUVENIS

Resumo: Trata-se de apresentar parte dos resultados de pesquisa mais ampla que teve como principal objetivo contribuir para a construção de políticas públicas de geração de trabalho e renda para jovens moradores das periferias de São Paulo e Buenos Aires, realizada com apoio da FAPESP. Diante da difusão do empreendedorismo, em especial como alternativa para o desemprego juvenil e como modo de vida, o foco será evidenciar experiências e sentidos atribuídos ao empreendedorismo entre 103 jovens que trabalhavam em pequenos negócios ou empreendimentos nas periferias de São Paulo. Entre 2020 e 2022, a pesquisa-ação, de caráter quantitativo e qualitativo, aplicou questionários e realizou entrevistas *online*, dado o contexto de distanciamento em função da pandemia de covid-19, por meio de uma metodologia de pesquisa entre pares. Os resultados evidenciam uma diversidade de sentidos atribuídos ao “empreendedorismo” que variam conforme perfis e trajetórias, bem como críticas ao modo como essa perspectiva tem se disseminado nas periferias.

Palavras-chave: Jovens, Empreendedorismo, Trabalho, Periferias, São Paulo.

O presente texto apresenta parte das conclusões de uma pesquisa-ação que estabeleceu como principal objetivo contribuir para a construção de políticas públicas de geração de trabalho e renda para jovens de regiões periféricas de São Paulo e de Buenos Aires, realizada entre os anos de 2020 e 2022. O foco será evidenciar experiências e sentidos atribuídos ao

empreendedorismo entre 103 jovens que estavam, no momento da pesquisa, trabalhando em pequenos negócios ou empreendimentos, como “jovens empreendedores”, embora nem todos se identificassem como tal.

No contexto de novas configurações do trabalho e do capital (DARDOT e LAVAL, 2016), o empreendedorismo tem se apresentado como uma das principais políticas de geração de trabalho e renda para jovens em diferentes países, com o incentivo de organismos internacionais. Também tem se tornado parte dos currículos em escolas e universidades (PANDOLFI e LOPES, 2013). Ainda que no Brasil o incentivo a essa estratégia não seja recente, as perdas significativas de direitos desde 2015, como a Reforma Trabalhista e a Reforma do Ensino Médio, em 2017, ampliaram a presença desta perspectiva. Durante a gestão do então presidente Bolsonaro (2018-2022), o foco no empreendedorismo como saída estruturante para expressivos índices de desemprego, especialmente entre jovens, ganhou mais relevo. Mas para além da centralidade em função da crise do trabalho, no contexto do “novo espírito do capitalismo” (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2009), ser empreendedor passa a ser uma atitude valorizada e incentivada: ter iniciativa, correr atrás, na busca por melhoria das condições de vida.

Algumas pesquisas têm apontado o quanto a ideia de criar seu próprio negócio pode ter apelo entre jovens, considerando os índices de desemprego mais elevados que enfrentam, as dificuldades em acessar “trabalho decente” (BRASIL, 2011), ou a busca por flexibilidade e autonomia (CAMPOS, 2019, SILVA, 2018). No campo da cultura, Tommasi (2018) evidenciou que abrir o próprio negócio para sustentar ações de coletivos, pode representar a chance de fazer acontecer, preservando a autonomia, em consonância com a perspectiva do “faça você mesmo”. difusa entre os movimentos contraculturais desde os anos 1970. Costa (2022) realizou investigação para compreender os sentidos do empreender nas periferias, onde o empreendedorismo se configuraria como estratégia de fuga do sofrimento causado pela precarização do trabalho, ou de uma “utopia da liberdade”, inclusive entre jovens (COSTA, 2022, p.249).

O conjunto de análises em torno do empreendedorismo, ao lado da sua difusão em diferentes espaços, instigou a necessidade de aprofundar o olhar para interlocutores em pequenos empreendimentos, interrogando sobre os sentidos de suas experiências concretas. Há tempos os estudos sobre juventude têm enfatizado não apenas os diferentes e desiguais modos de inserção dos jovens no mundo do trabalho, considerando as faixas de idade, classe, gênero, cor/raça e localização geográfica (GUIMARAES, 2005; NONATO, 2019). Seria possível observar diferentes sentidos considerando o “empreendedorismo”?

A pesquisa foi realizada em duas regiões periféricas do município de São Paulo. A escolha foi por uma pesquisa-ação visando apoiar a formação de jovens pesquisadores nos territórios onde o estudo foi realizado, engajando-os no planejamento, execução e análise dos resultados. No início do trabalho de campo foi decretada a quarentena no Estado de São Paulo para o enfrentamento da pandemia da covid-19, impedindo sua realização presencial. Se há

algum tempo estudiosos da juventude têm enfatizado a necessidade de novos desenhos de pesquisa, considerando a diversidade de situações vividas pelos jovens, bem como as incertezas que marcam seus trajetos (FERREIRA, 2017), a realização de uma pesquisa no contexto pandêmico tornou-a ainda mais urgente.

A pesquisa entre pares utilizada, onde jovens moradores das próprias localidades dos entrevistados/as e que passaram por experiências semelhantes, participaram da aplicação dos questionários e das entrevistas (PHILLIBER, 1999), foi fundamental. Considerando o tamanho da amostra não aleatória, a análise quantitativa é de caráter descritivo e a análise de conteúdo dos dados qualitativos foi realizada com apoio do software Atlas-ti.

Dos 208 jovens entrevistados entre 18 e 29 anos, 103 deles (49,5%) tinham um empreendimento próprio. Neste grupo predominaram jovens que se identificaram como mulheres (56,3%) e negros (71% se declaram como pretos ou pardos). Em especial, as mulheres negras estão sobrerrepresentadas na amostra (41,7%), seguidas pelos homens negros (26,2%). A maior presença de mulheres negras pode relacionar-se às suas maiores dificuldades no mercado de trabalho, mais crítica no contexto da pandemia (DIEESE, 2022).

Em relação ao rendimento familiar, podem ser categorizados em dois grupos: com renda familiar inferior a 2 salários-mínimos (49%) e superior a 2 salários-mínimos (49%). Menos da metade residem em domicílio próprio (39%) e, ainda que poucos estivessem inscritos no programa de transferência de renda então nomeado como Auxílio Brasil (9%), muitos foram beneficiados pelo auxílio emergencial durante a pandemia (52%). A maior parte é solteira (84), e apenas 15 são casados, dos quais 7 com filhos. Pode-se considerar que possuíam uma escolarização elevada: apenas dois não haviam concluído o ensino médio e, dos 79 que não estavam estudando no momento da pesquisa, 28 haviam concluído o ensino médio regular, 4 o ensino médio técnico, 22 o ensino superior e 4 a pós-graduação.

Todos viviam o tempo presente desafiados pela experiência de trabalho para sustentar-se ou apoiar as famílias, o que se intensificou com o aprofundamento da crise econômica. Ainda que o desejo de ganhar a vida apenas com o trabalho realizado no empreendimento tenha sido mencionado por todos, poucos conseguem viver apenas do seu pequeno negócio: 53% dos jovens com empreendimentos possuíam outro trabalho; apenas 25% deles com vínculo formal.

As questões específicas relativas ao empreendimento foram respondidas por 72 jovens e nossa análise passa a considerar este universo. Do total, 39 alegaram ter registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), sendo 35 como Microempreendedor Individual (MEI), três como Empresa de pequeno porte e um como associação. Em relação às áreas, destacam-se a produção cultural (21), moda (15), alimentos e refeições (9) e serviços estéticos (5), além do design gráfico (4) e comunicação (4). A demanda por espaço físico apareceu com intensidade: a maioria alegou ter como local de trabalho a própria casa ou não ter local específico (57 jovens). Os rendimentos obtidos com o empreendimento são baixos,

em média menos de um salário-mínimo, o que explica que estejam procurando ou tenham outro trabalho.

Os “corres” marcavam seu cotidiano corroborando estudos sobre as especificidades do trabalho juvenil, na ausência de mecanismos mais sólidos de seguridade social. “A periferia empreende desde sempre” dizia Eli, negro, com 28 anos e que produzia pentes para cabelos afro. Em sua perspectiva, o melhor termo não era “empreendedor”, mas “ir à luta”. Associando o “empreendedorismo” a um termo do capital, reconhecia sua presença cada vez maior na “quebrada”.

“É tudo termo de boy, a gente corre desde sempre”, dizia André, 24 anos, produtor audiovisual. Em seu caso, não se importava em reconhecer-se como empreendedor se necessário, especialmente para participação em edital que assim exigisse, mas mantinha distanciamento crítico. Júlia, 22 anos, negra, tinha um brechó e reconhecia-se como empreendedora, ao mesmo tempo em que afirmava sua perspectiva: “Você não tá empreendendo, você tá fazendo o que é urgente pra você e pro território. É nessa perspectiva que eu trabalho o empreendedorismo”. Fazer o que era urgente para o território era algo presente em muitas das falas.

Ainda que a necessidade de emprego e renda tenha aparecido como relevante para busca por um negócio próprio, com 53% das menções, outras motivações ganham relevância: desenvolvimento pessoal (37%), trabalhar no que gosta (33%) e na área de formação (12%), desenvolvimento profissional (31%) e possibilidade de realização artística ou cultural (31%). A independência de chefia (26%) e a flexibilidade de horários (19%) também são mencionadas. Também ficaram evidentes o engajamento social e político (21%) e o desenvolvimento de atividades comunitárias (14%) como motivações.

A análise qualitativa possibilitou a identificação de quatro sentidos que dialogam com os dados quantitativos encontrados. Esses sentidos se colocam conforme as faixas de idade e renda, o momento no percurso de vida (ter ou não filhos), a escolarização, as experiências anteriores de trabalho e a participação em algum de coletivo:

1. Necessidade de renda – para sobrevivência de si próprio e da família ou para continuar estudando. Mais presente entre os jovens mais baixa renda e com filhos, e entre parte dos que ainda estudam.
2. Realização pessoal: trabalhar no que gosta é o sentido mais forte aqui: o trabalho aparece associado ao lazer. São jovens que transformaram o que realizam em termos de atividade cultural, esportiva ou de lazer em trabalho. Esse sentido esteve mais presente tanto entre os mais escolarizados, quanto entre os que viveram experiências de participação em coletivos.
3. Autonomia e melhores condições de trabalho: destacado por jovens que tiveram experiências em trabalhos pouco qualificados ou mal remunerados, em geral que viveram experiências de humilhação em seus empregos, sobretudo as jovens negras.

4. Ativismo: aliando a geração de trabalho e renda com ações de engajamento social e político, individual ou coletivamente.

O olhar para os dados relativos aos empreendimentos também revelou múltiplas desigualdades entre os jovens, considerando faixas de idade, gênero, cor/raça e renda familiar. Cabe ressaltar que a análise descritiva evidencia um conjunto de desigualdades que contribuem para evidenciar diferenças significativas naquilo que a literatura tem chamado de “jovem empreendedor” (TOMMASI, 2018).

Os jovens entre 18 e 24 anos, as mulheres, os negros e aqueles pertencentes às famílias de mais baixa renda são os menos escolarizados. Neste grupo também se concentram aqueles com empreendimentos menos formalizados e menor geração de recursos. Em relação aos impactos da pandemia, este grupo também concentrou maiores percentuais daqueles que declararam terem renda diminuída, e aqueles que mais perderam trabalho. Os dados revelam maior acúmulo de desvantagens entre os mais novos, mulheres, negros e pertencentes a famílias de baixa renda.

Tanto do ponto de vista qualitativo, considerando os sentidos atribuídos ao empreendedorismo, quanto pelos perfis individuais e dos empreendimentos, não é possível tratar de modo homogêneo os jovens empreendedores, nem mesmo corroborar as hipóteses que generalizam a constituição de um “empreendedor de si”, voltado para seus interesses e de costas para o coletivo.

Como alertam Araujo e Martuccelli (2012) em crítica à perspectiva do “homem neoliberal”, antes de se ver como um *self-made man*, o indivíduo latino-americano está mais próximo do ser relacional, dependente da criação, manutenção e jogo em uma teia de relações, na medida em que os suportes não são encontrados nas instituições, mas devem ser construídos, reforçados e recriados individualmente. Não se afirma que práticas ou adesões a certos postulados do neoliberalismo e podemos dizer, do empreendedorismo, não existam, mas há contradições e limites nesse processo de inculcação ideológica e formação subjetiva. Os modos como os jovens significavam suas experiências de trabalho e a difusão do empreendedorismo em suas “quebradas” parecem corroborar essa perspectiva.

Referências

ARAUJO, K., MARTUCCELLI, D. **Desafios comunes**: retratos de la sociedad chilena y sus individuos. LOM, 2012.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. **Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude**. Brasília: MTE, 2011.

- CAMPOS, F. O. **Cultura, Espaço e Política**: um estudo da Batalha da Matrix de São Bernardo do Campo. São Paulo, 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais), Universidade de São Paulo.
- COSTA, H. **Um lugar ao sol**. 2022. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Universidade Estadual de Campinas, 2022.
- DARDOT, P., LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERREIRA, V. S. **Pesquisar jovens**: caminhos e desafios metodológicos: Lisboa, ICS, 2017.
- GUIMARÃES, N. A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.) **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p.149-74.
- NONATO, S.P. **Jovens [em] cena no palco da vida**. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação UFMG, Belo Horizonte, 2019
- PANDOLFI M. de A.; LOPES R. E.A educação voltada para o empreendedorismo. **Revista HISTEDBR**, n.49, p.177-196, 2013.
- PEREGRINO, M. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. **Cad. CEDES**. v. 31, n. 84, p. 275-291, mai-ago. 2011
- PHILLIBER, S. In search of peer power. In BERMAN, P et al. (orgs). **Peer potential**: Florida, 1999, p. 81-111.
- SILVA, G. M. **Ocupação**: cultura. Niterói, 2018. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Universidade Federal Fluminense.
- TOMMASI, L. (2018). Empreendedorismo e ativismo cultural nas periferias brasileiras. **Hermes Journal of Communication**, 1(13), 167-196.